

## LITERATURA E GEOGRAFIA: O TEXTO LITERÁRIO EM UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Maristela Maria de Moraes<sup>1</sup>  
UNIJUI

Helena Copetti Callai<sup>2</sup>  
UNIJUI/RS

Recibido: 12/1/2013

Aceptado: 5/4/2013

### Resumo:

O texto propõe-se a discutir questões referentes à interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia. A reflexão aborda o imaginário e o espaço na obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Para isso, são tratadas questões sobre a importância da Literatura no ensino, na formação do sujeito, assim como também em que medida a Geografia, através de algumas categorias, se torna relevante na significação do texto literário. A metodologia que dá suporte a este texto é a qualitativa, tendo em vista que esta leva em consideração a interpretação. Os resultados permitem inferir que a Literatura é uma aliada do ensino no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento crítico do aluno sobre o mundo, além de ser interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Literatura, imaginário, geografia, espaço, ensino.

### Resumen:

Este texto se propone discutir cuestiones referentes a la interdisciplinariedad entre Literatura y Geografía. La reflexión aborda el imaginario y el espacio en la obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo y “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos. Para eso, son tratadas cuestiones sobre la importancia de la Literatura en la enseñanza, en la formación del sujeto, así como también en que medida la Geografía a través de algunas categorías, se torna relevante en la significación del texto literario. La metodología que da soporte a este texto es la cualitativa por esta llevar en consideración la interpretación. Los resultados permiten inferir que la Literatura es una aliada de la enseñanza en lo que dice respecto al desarrollo del pensamiento crítico del alumno sobre el mundo, además de ser interdisciplinar.

**Palabras claves:** Literatura, Imaginario, geografía, espacio, enseñanza.

### Abstract:

The text proposes to discuss issues of interdisciplinarity between Literature and Geography. The reflection approaches the imaginary and the space in the book “*O Cortiço*” by Aluísio Azevedo and “*Vidas Secas*” by Graciliano Ramos. For this, issues are addressed on the importance of Literature in teaching, subject formation, as well as to what extent geography, across some categories, becomes relevant in the meaning of the literary text. The methodology that supports this text is qualitative, for this to take into consideration the interpretation. The results allow us to infer that Literature is an ally of teaching with regard to the development of critical thinking of students about the world, besides being interdisciplinary.

**Keywords:** Literature, imaginary, geography, space, teaching.

---

<sup>1</sup> marimmm1@hotmail.com

<sup>2</sup> helena@unijui.edu.br

## INTRODUÇÃO

Este texto busca fazer uma reflexão sobre a possibilidade interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia. Uma vez que acreditamos que a Literatura desempenha um importante papel na formação do sujeito, se faz necessário pensar possibilidades que auxiliem na prática em sala de aula, ao mesmo tempo que permite uma reflexão sobre a vida, o espaço e o homem elementos estes importantes para a Geografia humana. Com esse pensamento trazemos algumas questões sobre o que é Literatura, quais suas funções, assim como algumas categorias geográficas que entendemos serem importantes para compreender o texto literário. Em seguida, trouxemos um recorte de dois clássicos da Literatura brasileira “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo e “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos analisando-os a partir das categorias geográficas estudadas.

Ressaltamos, porém, que nosso objetivo não é tornar a Literatura pedagógica, deixando de lado o seu valor ficcional e estético e sim buscar o prazer, o lúdico aliado a um pensamento crítico de possibilidades entre Literatura e Geografia. Através das duas obras da Literatura brasileira, já mencionadas, procuramos mostrar como nossos escritores, fazendo uso da linguagem literária, promovem um prazeroso contato com uma narrativa que nos remete para o imaginário como também nos atingem com situações reais que o homem enfrenta, e que serve para refletirmos, bem como para nos posicionarmos. Com isso, não só adentramos na visão estética, inclusive, pela representação do espaço, como também pela visão crítica.

## O TEXTO LITERÁRIO

É possível comparar o texto a um tecido o qual é composto por um entrelaçamento de muitos fios, uma espécie de teia que se interliga e que prende o leitor. Um conjunto de palavras que formam uma frase, um fragmento, muitas páginas. Através de uma relação sintática (estrutura das palavras) e semântica (significado das palavras) os fios vão se entrelaçando e dizem algo. Pode ser um simples recado ou uma notícia informativa, mas pode ser uma obra com seus cenários, suas personagens e suas histórias de vida. Assim, podemos chamar de texto um poema, uma pintura, um mapa, um romance ou uma peça teatral. Todos, independentes do gênero, fazem uso da linguagem escrita para se comunicar.

Como não poderia ser diferente o texto literário também usa a linguagem escrita para se expressar, todavia, essa linguagem é diferenciada de outros gêneros. Para aprofundar as questões referentes ao texto literário, trazemos D'onofrio (2004), um estudioso da Literatura que nos ajudará conceituá-la. “A linguagem literária, por ser um sistema semiótico secundário que tem como significante o sistema linguístico, constitui-se num discurso conotado” (D'ONOFRIO, 2004, p. 13). A conotação poética se distingue de outros sistemas semióticos porque ela é sempre polissêmica, aberta a várias interpretações e isso a distingue. O texto literário é sempre plurissignificativo, isto é, a interpretação é dada de acordo com a subjetividade de cada leitor.

O leitor acolhe o texto de acordo com sua subjetividade, o que faz com que cada leitor interprete o texto literário de maneira diferente. Contudo, ao mesmo tempo em que o texto permite essas diferentes interpretações, também possui um grande poder de persuasão que prende o leitor, principalmente pela maneira com que usa as palavras, o que faz com que seja esse o primeiro impacto do texto literário. A Literatura usa palavras comuns, mas as recria dando-lhes um efeito surpreendente. É através delas que o autor chama atenção de seus leitores/ouvintes para realidade da vida. Outro fator importante é o de que o leitor se identifica com o texto pelo fato de o humano estar sempre procurando vivenciar algo novo, e a ficção permite experimentar sensações diferentes. “A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorreia... nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida” (COMPAGNON, 2009, p. 64).

Reiteramos, porém, que o texto literário é considerado ficção, ou seja, imaginação de algo que não podemos afirmar que é real, mas que possui uma verossimilhança com a realidade. O texto literário cria um mundo autônomo do mundo de seu autor. Contudo, a ficção tem uma relação com o real. O autor possui sim estruturas que o permitem construir o seu mundo de imaginação. Mas, esta não é surreal porque o autor sempre discorre sobre situações e problemas da humanidade. O que permite que identifiquemos no texto literário elementos importantes para desenvolver o pensamento autônomo e crítico do leitor.

A partir dessas considerações sobre o que é Literatura/texto literário nos permitimos a introduzir as questões referentes ao Ensino de Literatura. No Ensino Fundamental a Literatura está atrelada a língua portuguesa, isto é, ela não está no currículo como disciplina, e por isso tem de ser trabalhada junto com a língua, o que

contribui para a sua deficiência. A Literatura passa então a ser usada, na maioria das vezes, para trabalhar a língua, o que faz com que perca seu verdadeiro sentido que é o de permitir que o aluno desenvolva o seu senso crítico e aprenda a entender o mundo através do texto literário. No Ensino Médio a Literatura se apresenta como disciplina e seu estudo é referenciado nos documentos oficiais (PCN's/OCNEM)<sup>3</sup>. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM) na LDBEN de 1996 foram lançados três objetivos que deveriam ser alcançados no Ensino Médio e que são eles:

Consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, LDBEN, 1996, art. 35, p. 11).

Contudo, de acordo com OCNEM (BRASIL, 2006), tendo em vista que o primeiro objetivo diz respeito ao Ensino Médio como preparatório para o ensino superior e o segundo se refere como terminalidade, é no terceiro, e que engloba os outros dois, que se detém a Literatura, isto é, ela visa o cumprimento deste item que é o de contribuir para o desenvolvimento humano do aluno dando ênfase à autonomia intelectual e a criticidade sobre o mundo.

Para atingir esse objetivo, Coutinho (1976), afirma que a Literatura não deve ater-se basicamente ao estudo histórico da Literatura, com memorização de sumários, biografias de autor, e com isso deixar de lado o que realmente importa que é a obra, e a partir dela desenvolver o gosto pela leitura literária e a sua compreensão como Literatura. “O problema da literatura tem sido nos últimos anos, objeto de intensa

---

<sup>3</sup> Os PCN's referem-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais e as OCNEM as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Ambos são documentos oficiais com proposta de referencial curricular para as escolas públicas estaduais.

investigação e revisão no que tange ao método, tendo em vista resolver o conflito entre o estudo histórico e crítico da literatura nos currículos de humanidades” (COUTINHO, 1976, p. 25).

Coutinho (1976) defende o estudo literário a partir dos gêneros. Ao fazer isso, se refere a um estudo que consiste na descrição de características, elementos que compõe a estrutura de cada gênero, sua organização interna, assim como quais as evoluções que tiveram na Literatura universal e quais suas variedades principais. O ponto de partida do gênero é a motivação emocional, uma experiência humana. “Não há, pois, que negar a noção de gênero ou abandoná-la. Ela faz parte da literatura e constitui o núcleo da crítica e da teoria literária” (COUTINHO, 1976, p. 29). E diz mais:

Em literatura, portanto, a ficção é um tipo de gênero narrativo e é empregado o termo para designar o romance, a novela, o conto, embora outras formas possuam qualidades da ficção: a fábula, a parábola, os contos e lendas folclóricos, e mesmo o drama (COUTINHO, 1976, p. 31).

Ao tecer essa abordagem o autor defende que ao priorizar o texto em si, e a partir dos gêneros, o estudante/leitor se deparará com um menor número de obras, o que permite que elas sejam analisadas com mais profundidade. Além do mais, estimula o interesse pela leitura desenvolvendo a apreciação e favorecendo, assim, a ampliação dos horizontes intelectuais. Como se trabalha com o sentido da Literatura e não com a história ou biografia, permite que o aluno desenvolva o senso crítico e isso faz com que compreenda melhor o mundo. Acreditamos que trabalhar com a Literatura, nessa perspectiva do autor, não só estamos colaborando na formação de vida do aluno como também permitindo, através dela, que ele se reafirme como ser humano.

Não é apenas a capacidade de apreciação e crítica que se desenvolve, mas incentiva-se dessa maneira a criação individual, colocando-se o espírito do jovem no âmago do próprio fenômeno literário, constituído pelas obras-primas da Literatura nacional e universal. Na leitura diária, o educando adquire os segredos do

ofício, da técnica, da arte literária, dos artifícios e convenções, dos materiais que se transformam em criação literária, além da terminologia específica para o tratamento crítico. É a experiência que se enriquece (COUTINHO, 1976, p. 26).

Sendo assim, entendemos que a Literatura no currículo auxilia o aluno em uma melhor compreensão do mundo, assim como também permite uma maior consciência das mudanças que vimos enfrentando. O texto literário não pode ser considerado ultrapassado, isto é, como algo que não merece ser considerado, pois ele nunca perderá sua importância e sempre provocará sensações no leitor. Além do prazer estético, ele permite sentidos múltiplos em diferentes espaços e tempos. É por isso que as obras literárias resistem ao tempo e as mudanças. Daí sua importância para o ensino, na formação dos sujeitos.

O escritor tem a capacidade de transformar combinando a realidade com a percepção, isto é, o autor usa de elementos do meio, tais como a paisagem, o lugar, as personagens, mas dá vida a sua história com o sopro da imaginação. Dessa forma, tanto o meio social influencia a obra de arte como também a arte influencia o meio. Assim, embora concordemos que o texto literário é ficção, também defendemos que ele expressa a sociedade com seu aspecto social e seus problemas. A Literatura é uma experiência que nos permite sentir, experimentar e ver a vida pelos olhos de outrem o que faz com que possamos vê-la de um ângulo diferente ao que estamos habituados, e sendo assim, possibilita refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

### **ESPAÇO, TEMPO E LUGAR COMO CATEGORIAS IMPORTANTES NA COMPREENSÃO DO TEXTO LITERÁRIO**

O espaço e as categorias a ele possíveis de interpretação contém elementos importantes para significar o texto literário, por isso nos propomos a discutir categorias geográficas que consideramos significativas no contexto da Literatura.

Estamos inseridos no espaço e no tempo, assim como também sabemos ser impossível dissociá-lo um do outro, pois à medida que muda o tempo muda também o espaço. Desta forma, cabe a nós estudá-los conjuntamente. A Geografia se caracteriza por estudar o espaço, contudo, isto não implica que o estudo se dê apenas sobre objetos

fixos ou móveis, mas também sobre os sujeitos e suas ações. Baseados, nessas considerações, buscamos entender melhor o espaço, como também outras categorias que dele podem ser depreendidas.

Para Santos (1988), o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, e sim uma realidade relacional. É por isso que não é possível defini-lo sem relacioná-lo com outras realidades, isto é, a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Desta forma, é impossível pensar o espaço sem a sociedade que o movimenta, que interage com ele. E a Geografia como ciência social tem preocupação em estudar o espaço e suas relações.

Não é o espaço, portando, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama forma pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento (SANTOS, 1988, p. 10).

Tendo em vista que é no lugar que as coisas acontecem, torna-se importante entendê-lo melhor. O estudo do lugar merece importância, pois embora possamos falar da globalização, isto quer dizer, falar que o mundo é global, é no lugar que as relações acontecem, é nele que o homem vive e se constitui.

Estudar e compreender o lugar para Callai (2009) significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. O espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nela vivem, como trabalham, se alimentam e usufruem do lazer. Isso resgata a identidade, e neste processo, é muito importante reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem.

Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente (CALLAI, 2009, p. 84-85).

Em meio às questões referentes ao lugar, ressaltamos a identidade que diz respeito à subjetividade do lugar, e mais propriamente as experiências vividas no cotidiano. Chamamos a atenção para a identidade, pois essa relação estará presente nas obras literárias que serão estudadas neste texto.

Na visão de Cavalcanti (2008) a identidade é um fenômeno relacional. Seu aparecimento se dá na interação entre os indivíduos com os lugares, as formas de vida e os modos de expressão. O indivíduo vai se identificando com o lugar e adquire um sentimento de pertencimento que é construído com a familiaridade, a afetividade que tem com o lugar.

O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização (CAVALCANTI, 2008, p. 50).

Como expõe Callai (2009), a identidade é constituída de um conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço. Estas podem ser: valores, costumes, tradições. São elementos que juntos formam a identidade do lugar. Todavia, ao trabalhar com a identidade deve se levar em conta que as relações entre as pessoas e os lugares apresentam contradições. Não são harmônicas, ao contrário conflituosas, pois não são homogêneas, e por isso permitem o diferente.

## **O QUE É A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A LITERATURA E A GEOGRAFIA**

A interdisciplinaridade tem sido muito discutida nas questões referentes ao ensino. Para tanto, faz-se necessário compreender melhor este conceito e em que implica. Para isso, buscamos interlocução em autores que discutem o assunto, e que podem nos ajudar a situar este conceito. Também fazemos referência aos documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, 2000), uma vez que esses também abordam o tema.

Vale destacar, primeiramente, a abordagem que os PCNEM (2000) fazem a respeito da interdisciplinaridade e também da contextualização. Em uma proposta de reforma do currículo, esses documentos enfatizam que através da organização curricular por áreas que articulam a linguagem, a filosofia, as ciências naturais e humanas e as tecnologias, pretende-se contribuir para a superação do tratamento compartimentalizado do conhecimento escolar.

Nesta perspectiva a interdisciplinaridade não visa, pois, a criação de outras disciplinas, mas usar dos conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou ainda compreender um fenômeno. De acordo com os PCNEM (2000), a interdisciplinaridade precisa ser entendida a partir de uma abordagem relacional, isto é, se propõe através da prática escolar, que sejam estabelecidas interconexões entre os conhecimentos em uma relação de complementaridade ou ainda de convergência ou divergência.

Ao propor uma nova forma de organizar o currículo, trabalhando na perspectiva interdisciplinar e contextualizada, parte-se do pressuposto de que toda a aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto e que, para que esta se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois pólos do processo interajam (PCNEM, 2000, p. 22).

Morin (2000; 2003) faz referência em seus estudos à questão interdisciplinar, e por isso consideramos importante trazê-lo para o debate. Em sua obra “os sete saberes necessários à educação do futuro” Morin (2000), faz uma série de discussões a respeito da educação atual e da educação do futuro. O autor aponta que os saberes estão desunidos, compartimentados, enquanto que a realidade ou os problemas são cada vez

mais interdisciplinares, globais. Sendo assim, de acordo com o autor, é necessário situar as informações no contexto para que tenham sentido. “Os problemas fundamentais e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares. São salvaguardados apenas na filosofia, mas deixam de ser nutridos pelos aportes das ciências” (MORIN, 2000, p. 40). Desta forma, as mentes formadas pelas disciplinas perdem a capacidade de contextualizar os saberes. Estes, quando fragmentados, fracionam os problemas, separam o que está unido.

Essa fragmentação é sentida na escola, em que cada disciplina ensina o seu saber. Com isso, o aluno sente a dificuldade em contextualizá-lo. Para Morin (2003), há uma grande dificuldade em encontrar uma “interarticulação” entre as ciências. As disciplinas precisam comunicar-se e para isso a interdisciplinaridade muito contribui. Nas reflexões do autor a interdisciplinaridade nada mais é que uma cooperação e ainda reitera:

Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significa ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (MORIN, 2003, p. 105).

## **AS OBRAS**

Considerando que neste estudo fez-se uso de duas obras da literatura brasileira, achamos importante situarmos o leitor com uma breve consideração sobre estas, afim de possibilitar um melhor entendimento. “*O Cortiço*” é uma obra escrita por Aluísio Azevedo e foi lançado em 1890. O livro é composto de 23 capítulos, que relatam a vida em uma habitação coletiva de pessoas pobres que vivem em um cortiço na cidade do Rio de Janeiro. O romance é considerado por muitos estudiosos como um elemento importante para o melhor entendimento do Brasil do século XIX. No entanto,

ressaltamos que sendo obra literária, o romance não pode ser entendido como um documento histórico, mas é possível percebermos que as ideologias e as relações sociais presentes na obras eram muito parecidas com o que estava acontecendo na época no Brasil. A obra é narrada em terceira pessoa e está inserida no movimento naturalista, que leva em consideração os aspectos cognitivos e biológicos e defende que o homem sofre influências do meio social, assim como do ambiente em que vive.

“*Vidas Secas*” é um romance escrito por Graciliano Ramos em 1938. A obra é escrita em terceira pessoa e narra a história de uma família que foge da seca no sertão nordestino brasileiro. Diante de condições subumana e de problemas sociais como a miséria e o abandono, vivem diferentes sentimentos e emoções que os obriga a viver e a procurar meios de sobrevivência, criando assim, uma ligação com a situação social do Brasil hoje. O livro possui treze capítulos que podem ser considerados autônomos, mas que se ligam pela repetição de temas tais como a paisagem árida, os pensamentos fragmentados das personagens, a linguagem, como também as diferenças sociais. A obra é considerada pelos críticos um marco na Literatura brasileira e principalmente ao Modernismo brasileiro.

A obra “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo foi considerada a expressão máxima do naturalismo brasileiro que buscava explicar o comportamento dos personagens com base na influência do meio, da raça e do momento histórico. Na narrativa, o espaço tem uma importância especial, pois se torna o principal personagem da obra.

Nos primeiros fragmentos temos a descrição da personagem de João Romão. A narrativa dá detalhes da ambição do mesmo que se aproveita do trabalho de Bertoleza para levar suas intenções a cabo. Nota-se que o desejo de enriquecer de João Romão é tratado como um propósito que pode ser considerado exagerado, pois age de forma desonesta e desumana, inclusive consigo, para atingir o que almeja.

“João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de

ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro” [...] p.

“Proprietário estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha” [...] p.

7

Bertoleza também trabalhava muito para manter-se. Era negra e além de pagar a seu dono pela liberdade provisória, também juntava dinheiro para comprar sua carta de alforria. João Romão percebendo a carência de Bertoleza torna-se primeiramente seu amigo e depois seu amante na intenção de explorá-la. A partir de então Bertoleza começa a ser peça importante para que os desejos de João Romão se concretizassem. Como se tratava da formação da cidade do Rio de Janeiro é possível percebermos, através da personagem Bertoleza, a situação do negro enfrentada na época, isto é, quando não era explorada pelo seu dono o era pelas outras pessoas da sociedade. Azevedo trouxe para a discussão as dificuldades enfrentadas pelo negro e principalmente pela mulher negra que além de ser explorada ainda era submetida ao total descaso.

Na obra temos dois espaços: o cortiço e o sobrado do Miranda. O casarão ficava, pois ao lado da venda de João Romão o que fazia com que formasse um contraste. Dois mundos próximos e distintos. O segundo espaço, o sobrado aristocratizante do comerciante Miranda e de sua família, representava a burguesia ascendente do século XIX. A partir dessa abordagem pode-se pensar que o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço. Ao lado, o burguês Miranda, de posição social mais elevada que João Romão vivia em seu palacete e temia o crescimento desenfreado do cortiço. Por isso, pode-se dizer que “*O Cortiço*” além de ser um romance naturalista também pode ser considerado uma alegoria do Brasil, já que retrata também a formação da cidade do Rio de Janeiro e faz referência a mistura de raças, que é uma das características brasileiras. Porém, essa

mistura se realiza como relações de poder, exclusão, ou seja, não se trata de uma miscigenação tranquila. No que diz respeito ao fato de o cortiço e o sobrado estarem tão próximos, remetemo-nos a muitas situações com as quais convivemos em que condomínios de luxo estão próximos a favelas, ou ainda, mansões próximas a bairros muito pobres. Mundos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, que já se tornaram comuns na sociedade de hoje. E que remete, inclusive, ao espaço de localização onde interesses definem os lugares.

Aluísio Azevedo uniu na obra “*O Cortiço*” grupos humanos em um único coletivo. Nesse espaço foram descritos tipos sociais, “só que esses tipos apenas manifestavam-se como uma consequência do meio em que vivem, afinal, o grande personagem dessa história é na verdade a soma de tudo, ou seja, o cortiço. As personagens sofrem influência direta do meio” (SILVA, 2010, p. 2). A descrição do cortiço é feita como se faz com qualquer outra personagem, isto é, minuciosamente, o que nos leva a entendê-lo como uma das personagens do romance, senão um dos mais importantes.

“E aquilo se foi constituindo numa grande lavadeira, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armados sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco” [...] p. 15

Como já fora referido a obra “*O Cortiço*” está inserida dentro da escola realista e naturalista. Nas palavras de Silva (2010) o naturalismo é uma extensão do realismo. Desta forma, faz uso de todos os princípios realistas como: a objetividade, a observação dos tipos humanos, a verossimilhança e a visão cientificista da existência. A ênfase do naturalismo está nos aspectos exteriores em relação aos seus atos, suas descrições físicas e o ambiente do qual fazem parte. “O naturalismo volta-se para os aspectos biológicos e cognitivos, por entre uma visão mecânica do homem, sujeito às da

hereditariedade, as influências do meio social e do ambiente em que vive” (SILVA, 2010, p. 9). O autor naturalista tinha a intenção de provar, através da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à degenerescência. Desta forma, Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio resulta na completa degradação humana. Mas, além dessas discussões, o livro também apresenta outras questões pertinentes para pensar o Brasil, e que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social. O que permite uma aproximação com a obra “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos que também discute a questões sociais.

Nos próximos fragmentos temos uma descrição do cortiço onde é possível identificar uma comparação entre as pessoas do cortiço com animais. O autor trata o cortiço como um organismo vivo que cresce e expande suas raízes aumentando as forças daninhas de maneira a atingir o caráter de quem habita o seu interior. Aí está explícita a teoria naturalista de que o meio determina o homem. O que nos remete a pensar sobre o lugar. O cortiço só tem vida por que as pessoas o habitam, são elas que o movimentam. O lugar/cortiço é o palco dos acontecimentos. Desta forma, baseado em Santos, (2006, p. 230) pode-se inferir que “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma”. Contudo, a força do lugar pode fazer com que não seja apenas palco, mas também sujeito que interfere na vida das pessoas que ali habitam, e coloca possibilidades e dificuldades.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larva no esterco” [...] p. 15

Diferente da obra “*O Cortiço*”, “*Vidas Secas*” se dá no espaço rural. Nesta narrativa o leitor/ouvinte é convidado a percorrer o sertão nordestino brasileiro. Em uma descrição minuciosa e cheia de emoções que descreve a fuga de uma família de retirantes, somos envolvidos nesta teia que é o texto, nos sentindo parte daquele meio.

Escrita em terceira pessoa a obra de Graciliano Ramos mostra não só a realidade do sertanejo, como também os desafios enfrentados com a seca, e que reflete em uma sociedade esquecida e excluída. O romance foi escrito 1938 e ainda se mantém atual. A abordagem que enfoca o descaso do governo com o nordeste, e o que poderíamos chamar de animalização do homem torna a obra uma das mais importantes da segunda fase do Movimento modernista<sup>4</sup>, que trouxe à tona questões nacionais e regionais, o que possibilitou uma discussão sobre um dos sérios problemas enfrentados pelo Brasil, no caso da obra em questão, a seca.

Gostaríamos, primeiramente, de focar na oposição proposta pelo título *vidas x secas*. Enquanto a primeira nos passa ideia de renascimento e de abundância, a segunda nos remete à tristeza, o sofrimento. O próprio título já nos dá pistas da abordagem do autor. Assim, a terra que é uma representação da vida é ‘seca’ a ponto de representar a morte. E assim sendo, o homem que é a representação da vida se torna ‘seco’, isto é, não consegue viver como homem e mais parece bicho.

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas” [...] p. 9

“Ausente do companheiro, a cachorra baleia tomou a frente do grupo... ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde havia descansado, a beira de uma poça: a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” [...] p. 11

---

<sup>4</sup> O período de 1922 e 1930 passava por definições no quadro político brasileiro. A arte também precisa ser revista, foi então que alguns artistas como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros, organizaram em 1922, a Semana da Arte Moderna, sendo, pois, esta a assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra mundial. Esse evento marcaria o início do Modernismo Brasileiro. Período marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, assim como também pela procura da novidade e da velocidade.

A partir desses dois fragmentos damos início à interpretação da obra. É possível, desde logo, percebermos que se trata de uma descrição de um espaço rural, mais precisamente de um lugar marcado pela seca. Contudo, esse espaço não contém só a paisagem física que é aparente, mas também há pessoas que o ocupam, o que nos permite dizer que há relação entre o homem e o meio. A obra relata a viagem de retirantes que há dias percorrem o sertão em busca de água e de alimento. O fato de terem sacrificado o papagaio para alimentar a família, deixa em evidência a cruel situação em que se encontravam. Além de estarem sem destino e sem esperança, também não possuíam alimentação, debilitados, pareciam não chegar a lugar algum.

O lugar se torna na obra um dos fatores principais da degradação humana, mas não é o único motivo, pois se agrega a ele o fator social. “Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (CALLAI, 2009, p.84). A terra não permite produzir devido à escassez da água, e as pessoas que ali vivem se tornam sobreviventes do meio. Ou seja, estão sujeitos as condições do meio, além de estarem esquecidos pela sociedade. A forte descrição me remete as ideias de Santos (1988), quando discute a apreensão cognitiva da paisagem, e que o texto literário reforça, uma vez que o leitor reproduz no imaginário essa paisagem descrita de acordo com sua subjetividade. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão cognitiva... Pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato” (SANTOS, 1988, p. 22).

A linguagem é outro fator que o diferencia. Nota-se que a família praticamente não conversava. Na passagem em que o papagaio é sacrificado, sinhá Vitória usa como desculpa, o fato de o papagaio somente repetir o latido de Baleia. O que deixa transparecer que a família não possui diálogo. A comunicação se dava na maioria das vezes por gestos, onomatopéias e exclamações. A língua usada era tão animalesca que o cavalo a que estava montado o compreendia. Todavia, a linguagem era objeto de desejo de Fabiano que admirava a fala difícil de seu Tomás da bolandeira. Essa ênfase ao uso deficiente da língua também é um fator que os aproxima do animal. Tendo em vista, que a linguagem é um dos fatores que tornam o homem humano, a deficiência dela, faz com que nos aproximemos dos animais. O que leva a crer que esta foi à intenção do autor quando deu ênfase a essa dificuldade de expressão de Fabiano e sua família. Outra

questão que pode ser inferida é o de que o silêncio também fala. O silêncio de Fabiano e sua família é um silêncio que grita, inclusive dentro de nós, pois nos põe em reflexão, nos angustia e nos fazer querer entender. Assim, é para Fabiano e sua família. Eles também querem entender esse mundo em que viver é muito difícil.

A festa de natal em que Fabiano e a família comparecem é mais um dos acontecimentos que o submetem a condições inferiores aos demais. Primeiramente os preparativos, em que Fabiano compra tecidos para a confecção de roupas para a família. Contudo, como o dinheiro é escasso, o tecido é comprado em quantidade insuficiente para o feitiço das roupas. O que faz com que as mesmas saiam curtas e cheias de emendas. Desde já, a situação indica uma desigualdade que os diferencia dos outros participantes. Outro fator é o de que acostumados a andar com roupas folgadas e simples e o pouco uso de calçados, fazia com que tivessem dificuldades de se locomover devido às roupas e sapatos apertados. Também é possível perceber que o lugar tem relação de poder, que acua quem não o domina.

“Não sentiam curiosidades, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas” [...] p. 74

Como se não bastasse, Fabiano sentia-se como se tivesse rodeado de inimigos. O desconforto era tamanho que se misturava à revolta, à alucinação. É notável que Fabiano não se sentia parte daquela sociedade, tudo o que queria era fugir, pois sentia-se angustiado com a situação em que se encontrava. Essa passagem nos remete a Castrogiovanni (2009) quando diz que o espaço é todos. Essa afirmação faz do espaço um lugar do homem a que todos têm direito. O espaço permite, através do lugar, que as relações aconteçam e, portanto, pertencem a todos, contudo nem sempre isso acontece e muitas vezes ele é seletivo, um elemento de exclusão. “Os espaços são também

seletivos. Ao mesmo tempo que podem acolher, podem excluir, dependendo das relações econômicas, da cultura, do acesso aos bens produzidos socialmente, e que muitas vezes são apropriados particularizadamente” (CALLAI, 2009, p. 119). Para Fabiano, por exemplo, a afirmação de que o espaço é de todos não se concretiza, pois neste espaço descrito não há lugar para ele e sua família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmamos, a partir desse estudo, o quanto a Literatura contribui na formação do sujeito, pois ela nos remete a muitas possibilidades e nos auxilia no desenvolvimento do pensamento. O imaginário é elemento indispensável na significação do texto, e diríamos mais, na vida, pois o mundo real é menor que o mundo da imaginação. Por outro lado, como já foi referido anteriormente, a Geografia humanista valoriza a originalidade dos lugares, assim como a experiência que o homem tem dele. Representações, subjetividade, identidade, intenções, experiência concreta e percepção são noções para situar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos e nas reflexões sobre a relação homem-lugar. “Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (BROSSEAU, 2007, p. 31).

No entanto, ainda que se valorize a carga subjetiva do romance é inegável que estes estudos não conseguem escapar de uma visão realista. O romance permite percebermos a experiência dos lugares, a identidade espacial ou ainda o sentido que o homem atribui aos lugares.

Assim, o realismo passa da representação do mundo exterior, como era o caso de uma leitura dita “literal”, para a leitura de sua apreciação subjetiva. No entanto, continuamos no interior de uma concepção mimética: da literatura concebida como reflexo da realidade favorecemos, a partir daí, sem excluir a primeira, uma concepção que a considera como reflexo da alma. Isso, aliás, está em concordância com algumas versões do projeto humanista que

não se volta tanto para as características do lugar, e sim para a experiência que o homem tem dele (BROSSEAU, 2007, p. 31-32).

Concordamos com Brosseau (2007) quando diz que o estudo com a Literatura precisa ser feito a partir de uma reflexão teórica sobre o funcionamento do texto literário. Pois, só assim é possível compreender e conhecer sobre as qualidades objetivas da paisagem como também compreender as experiências subjetivas ligadas a estas. Desta forma, a importância da Literatura nos estudos geográficos seria de possibilitar unir objetividade e subjetividade ao mesmo tempo. A respeito do que afirma o autor, pensamos que este é um dos objetivos deste texto. Refletir sobre o texto literário levando em consideração o que ele traz de objetivo, o lugar, a paisagem e o que traz de subjetivo que é a relação do homem com meio e ainda a subjetividade de quem lê esse texto e a partir daí o significa.

Sendo assim, a preocupação que norteou este estudo foi de mostrar a importância da Literatura, uma vez que a consideramos muito importante na vida do sujeito, na sua formação, e na maneira de ver o mundo. Para isso, buscamos mostrar a possibilidade interdisciplinar da Literatura como uma das possibilidades de auxiliar o seu trabalho. “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2012, p. 92).

Nesse sentido, as possibilidades dos textos literários que não são só romances, mas também contos, crônicas, poemas entre outros, são muitas. Neste estudo, estabelecemos relações com a Geografia, mas outras áreas poderiam ser acolhidas. A partir das categorias geográficas, foi possível uma reflexão das relações entre o homem e o espaço. Como partimos da ideia de que a Literatura é uma representação da realidade, ela nos descortina aspectos sociais, espaciais e culturais da sociedade. Desta forma, o que une Literatura e Geografia é o estudo do espaço e do homem que a ambas interessa.

Que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a crítica literária e a geografia uma vez que a Literatura é criação artística e a Geografia é, ou pelo menos

pretende ser construção científica? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como o denominador comum no princípio dessa possível aliança (MONTEIRO, 2002, p. 13).

Convém esclarecermos, que o imaginário é quem impulsiona o leitor/ouvinte. Por isso, ele é um aliado do texto literário e do ensino. As descrições sejam da paisagem árida de “*Vidas Secas*” ou da habitação desordenada em “*O Cortiço*” permitem recriar imagens, e a partir destas, dar um sentido para o texto. Por isso, quando ressaltamos a importância da Literatura estamos também dando ênfase à importância do imaginário na formação do aluno/sujeito.

A interdisciplinaridade é vista como uma das maneiras de tornar a Literatura mais atraente, além de permitir uma aprendizagem não fragmentada. Desta forma, defendemos neste texto a importância da Literatura, como também a interdisciplinaridade através da relação estabelecida com a Geografia. Nesse sentido, pensamos que esse texto contribui nas angústias dos professores de Literatura que veem suas questões abordadas e colocadas no rol das discussões como também para a Geografia que tem a possibilidade de fazer da Literatura sua aliada no ensino. Pois, na visão de Monteiro,

A trama representa a condição humana. A sua comunicação, o seu “tomar vida”, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um “palco”- praticável concreto – em que qualquer trama “humana” está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural (MONTEIRO, 2002, p. 25).

Frente à realidade em que nos deparamos é possível percebermos que a escola necessita, mais do que nunca, formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. Então se faz necessário, nós professores, pensar além de nossa disciplina, isto é, pensar mais no todo. Mas para isso, precisamos partir da nossa área. Valorizar aquilo que melhor entendemos, porém sem menosprezar o conhecimento mútuo, que nos faz refletir, superar e aprender.

## REFERÊNCIAS

- ALUÍSIO, Azevedo. (2008): *O Cortiço*. São Paulo: Ciranda Cultural.
- BRASIL. (1996): *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: MEC.
- BRASIL. (2000): Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec.
- BRASIL. (2006): Ministério da Educação (MEC). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – volume 2 – . Linguagem, Códigos e suas Tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. 135 p. Brasília.
- BROSSEAU, Marc. (2007): Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. p 17-79.
- CALLAI, Copetti Helena. (2009): Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (org). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 7 ed. Cap 2. p 83-134.
- CALLAI, Copetti Helena. (2009): O lugar e o ensino-aprendizagem da geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido (org). *La espesura del lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: Universidade Academia de Humanismo Cristiano.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. (2008): *A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus.
- COMPAGNON, Antoine. (2009): *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora da Ufmg.
- COUTINHO, Afrânio. (1976): *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- D’ONOFRIO, Salvatore. (1990): *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática.

- D'ONOFRIO, Salvatore. (2004): *Teoria do texto*. Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. (2002): *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- MORIN, Edgar. (2000): *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar Assis Carvalho. – 3. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- MORIN, Edgar. (2003): *A cabeça bem feita*. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. – 8. Ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil.
- RAMOS, Graciliano. (2010): *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record.
- SANTOS, Milton. (1988): *Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo.
- SANTOS, Milton. (2006): *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- SILVA, Felipe Antonio Ferreira. (2010): *Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra "O Cortiço", de Aluísio Azevedo*. Revela: Periódico de divulgação científica da FALS. Ano IV – n VIII – JUN/2010 – ISSN 1982-646x. Disponível em <<http://www.fals.com.br>>. Acesso em: 27 Set. 2011.
- THODOROV, Tzvetan. (1939); (2012): *Literatura em perigo*. Tzvetan Thodorov; tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL.